

God shave the Queen

Olavo Pires de Camargo^I
Luiz Eugenio Garcez Leme^{II}

Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP)

Esta curiosa afirmação podia ser vista, há algum tempo em São Paulo, nas camisetas promocionais de um conhecido curso de inglês e tentava dar a ideia das “barbaridades” que a ignorância linguística pode nos levar a cometer. Se na vida corrente este tipo de ignorância já é trágico, na vida acadêmica, particularmente no ensino e atualização em Medicina, o desconhecimento linguístico pode ser o equivalente a uma verdadeira invalidez cultural.

O uso de uma língua universal para a comunicação do conhecimento sempre foi uma necessidade real entre os acadêmicos de todos os tempos. Já na Antiguidade a língua grega era utilizada como língua geral em todo o perímetro do Mediterrâneo, berço incontestado de nossa cultura ocidental. É sabido que, mesmo entre os romanos, a língua grega era usada pelas famílias patrícias e pelos mais cultos; por outro lado, uma forma simplificada da língua grega, chamado grego “*koiné*” era a língua popular utilizada para o comércio e para a difusão internacional de textos de importância, o mais conhecido dos quais a própria Bíblia.

Com o final da Antiguidade e o início da invasão dos bárbaros, os resquícios da cultura grega foram perdidos, só voltando a ser recuperados com importância já no meio da Idade Média. Com a perda da língua grega, o latim, que já era importante, passou a ser a “língua universal”, condição ainda mais favorecida pelo aparecimento da imprensa por Gutemberg ainda no final da Idade Média, que aumentou a difusão do conhecimento e da importância da língua latina até a modernidade.

Já em nossos dias pudemos observar a importância de línguas como o francês ou o alemão, mas não resta dúvida que, no momento, a língua universal e acadêmica é, com certeza, o inglês. A grande maioria dos textos médicos, seja em livros de formação, seja em revistas de peso para divulgação de conhecimentos e de pesquisas é publicada, na atualidade, originalmente em inglês. Cabe, portanto uma pergunta: até que ponto é conveniente estimular a tradução de textos?

Podem-se considerar duas situações: se nos livros didáticos de medicina a tradução é injustificável, nos textos científicos de atualização isto ainda é pior, pois é importante o acesso ao texto original, seja pela atualidade da informação, que muitas vezes se

perde no tempo necessário para uma tradução, seja pelos riscos de traduções mal feitas ou equivocadas que sempre existiram. Não é à toa que os próprios romanos afirmavam: “*traduttore, traditore*” (todo tradutor é um traidor).

É inadmissível que os acadêmicos das 178 escolas de medicina não dominem a língua inglesa pelo menos para ler e interpretar os inúmeros livros e artigos científicos como também ter acesso às bases de dados, atualizar-se tanto nas disciplinas das áreas básicas como também nas clínicas. Sabemos da avalanche de livros e, o que é pior, de revistas médicas traduzidas, a maioria de qualidade duvidosa, que surgem no mercado obviamente tendo como público-alvo os incautos alunos dessas “novas escolas médicas”. É realmente um mercado promissor, já que a cada ano novas escolas surgem no nosso país no afã do Ministério da Educação (MEC) de aumentar a quantidade sem ligar para a qualidade dos novos médicos. O melhor, com certeza, é que alunos e professores ganhem cada vez mais habilidade em língua inglesa, ao menos em seus aspectos científicos, permitindo assim o acesso aos textos originais.

Por outro lado, em um mundo globalizado, as universidades não podem ser exceção e a tendência à internacionalização de nossas melhores instituições exigirá, em breve, que mesmo os cursos tenham parte de suas aulas oferecidas em inglês, permitindo assim o intercâmbio de estudantes de diversas partes do mundo.

Como consideração final resta lembrar que a necessidade de conhecimento de língua inglesa em nenhum momento pode tornar menos importante o conhecimento de língua portuguesa, nosso instrumento de trabalho e de comunicação com a sociedade, que deve ser cada vez mais valorizado. Essas valorizações não colidem em qualquer momento, mas de maneira sinérgica e paralela se compõem em um todo destinado à otimização do acesso às informações, com certeza nosso mais valorizado patrimônio nos dias de hoje.

É muito provável que, em pouco tempo, nossas graduações e pós-graduações exijam qualificação em ambas as línguas. Será um benefício para o aprendizado e um alívio para os que precisam manter a boa imagem da rainha.

^I Professor titular e chefe do Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

^{II} Professor associado, Departamento de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP).

INFORMAÇÕES

Endereço para correspondência:

Olavo Pires de Camargo

Rua Barata Ribeiro, 490 – 3ª andar – conjunto 33

Bela Vista – São Paulo (SP)

CEP 01308-000

Tel. (11) 3123-5620

E-mail: olapcama@uol.com.br

Fonte de fomento: nenhuma declarada

Conflitos de interesse: nenhum declarado

Data de entrada: 9/2/2010

Data da última modificação: 9/2/2010

Data de aceitação: 6/4/2010